

MEMÓRIAS DA PRAÇA DA BANDEIRA

Roseli Bernardo S. Santos

Mestre em Ciências da Educação Superior, Especialista em Metodologia do Ensino Superior, Graduada em Ciências Sociais e Geografia. Professora dos cursos de Tecnologia em Turismo, Educação Física e Desenvolvimento de Sistema em Informática.

Nadia Fátima Lucena de Barros

Márcia Justino da Silva

Ana Luiza Marcedo Lima

Dirliany Lopes de Almeida

Fabiana Furquim Goldinho

Herberto de F. R. Sobrinho

Joana Darc Moraes da Silva

Maria Lucia dos Santos Mota

Graduandos do Curso Superior de Tecnologia em Turismo do Centro Federal de Educação Tecnológica de Roraima – CEFET-RR.

RESUMO

O patrimônio cultural em Boa Vista-RR, conhecido como Praça da Bandeira, possui um grande potencial da cultura local, portanto a reconstrução de sua história é marcada por momentos de interação, harmonia e relações sócio-políticas que nos permitem montar as peças de um quebra-cabeça, principalmente através da história oral, constatada nas memórias dos moradores antigos.

PALAVRAS-CHAVE

Praça. Memórias. História, Praça da Bandeira

ABSTRACT

The cultural patrimony in Boa Vista- RR, called Bandeira square has a great potential of the local culture. Therefore, the reconstruction of its history is marked by moments of interaction, harmony, social and politic relations that permit us to mount the pieces of a puzzle, mainly, through the oral history, evidenced in the memories of the ancient inhabitant.

KEYWORDS

Called. Memories. History, Bandeira Square

INTRODUÇÃO

Este artigo trata de fazer uma abordagem histórica e reflexiva da Praça da Bandeira, desenvolve um resgate através da história oral, contada pelos antigos moradores da localidade, sendo que em sua maioria são pessoas da terceira idade. No processo de construção faz-se uma análise de alguns conceitos acerca das memórias explicitadas pelos personagens e da relação dos acervos instalados no contexto praça. Mediante esta abordagem, surge a necessidade de conhecer fatos pertinentes à História de Roraima. Assim desenvolvemos uma ação investigativa com objetivo de contribuir com a comunidade acadêmica e a sociedade em geral, para que juntas possam ter conhecimentos sobre as identidades como parte da cultura local, provocando uma futura revitalização cultural da praça.

CONHECENDO A PRAÇA

A Praça da Bandeira localizada no município de Boa Vista – Roraima, está situada no centro da cidade, entre as avenidas Sebastião Diniz e Getúlio Vargas. Quanto à história de sua criação no que se refere a registros ou literaturas, tem-se pouco conhecimento. A investigação baseada na história oral torna-se mais relevante e significativa, pois é contada pelos pioneiros ou antigos moradores, que em sua maioria fazem parte da terceira idade. A contribuição serviu profundamente para o levantamento de dados precisos sobre o espaço histórico. Meihy (1996) enfatiza que os trabalhos de história oral registram a trajetória de pessoas idosas e, por meio delas, é que se recompõem aspectos da vida individual, do grupo em que estão inseridos e da conjuntura em que acolhem. Portanto, o depoimento dos idosos implica numa percepção do passado, cujo processo histórico ainda não está acabado.

Segundo as pessoas entrevistadas e demais atores do universo social, a Praça da Bandeira foi construída na gestão do prefeito Adolpho Brasil, nomeado pelo governador do Amazonas Dr. Álvaro Maia, haja vista o município de Boa Vista pertencer àquele Estado, sendo inaugurada no dia 18 de novembro de 1939, por ocasião do cinquentenário da Bandeira Nacional, que é um dos símbolos do nosso país.¹

Essa memória pública, materializada em suas próprias narrativas e seus narradores de depoimentos, não só torna-se totalmente legítima, mas também está repleta de valores importantes como solidariedade familiar e grupal, fundamentado-se em experiências vividas e em emoções profundamente sentidas. A

memória do povoado não é um todo solo, as memórias inexprimíveis, sonegadas até mesmo no círculo familiar, coexistem com as memórias igualmente autênticas e comoventes, expostas publicamente na praça e na igreja (FERREIRA, 1998).

As praças, como espaços públicos, contemplam em suas arquiteturas condições a serviço da comunidade, contextualizando práticas de atividades recreativas e de lazer, além de estabelecer relações cívicas no âmbito político-administrativo e manifestações sociais, porém, o espaço praça tem sua representação na história cultural dos povos onde suas origens são constatadas desde a Idade Média – do Latim *platéia*, lugar geralmente rodeado de edificações.

A Praça da Bandeira serviu de cenário para encontros da juventude da época, das brincadeiras de crianças, da boêmia, dos que dedilhavam seus violões, do encontro das famílias que se juntavam para homenagear os aniversariantes com “alvoradas” – músicas preferidas e parabéns para você, serenatas para namorados, concentrações cívicas, políticas e eclesiais. O Pavilhão Nacional era hasteado nos feriados nacionais por autoridades como Diretores de Divisão de Educação, de Saúde e Diretores de Escolas.²

A configuração estrutural era composta de uma estrela pentagonal, onde entre uma extremidade e outra foi colocado um canhão oriundo do Forte São Joaquim - fortaleza construída a partir de 1775, para defender as fronteiras brasileiras, por ordem de D. José I, soberano português que determinou ao Governador e Capitão-General do Grão Pará, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, a construção de um forte nas margens do rio Branco. “Para sua localização foi escolhida a margem esquerda do rio Tacutu, na altura da confluência deste e do Uraricoera, ambos formadores do rio Branco”. Para sua construção foi requisitado um dos melhores técnicos a serviço de Portugal no extremo norte, o Capitão Felipe Sturn, que foi também seu primeiro comandante. Em 1778 foi totalmente concluído e recebeu a denominação de FORTE SÃO JOAQUIM DO RIO BRANCO, possivelmente para diferenciá-lo de outro com o mesmo nome, localizado no rio Negro do Amazonas. Portanto, vale ressaltar a presença dos objetos como marco representativo para os moradores da vizinhança (MAGALHAES, 1997).

As relações sociais que se estabeleceram nas proximidades da Praça da Bandeira constituíram-se de sentimentos e valores pautados no trabalho coletivo, o que resultou na locomoção dos cinco canhões, onde foram usadas alavancas de ferro para retirá-los do local e conduzi-los com o auxílio de cordas amarradas aos mesmos, suspensos por uma vara de madeira, que por sua vez foram carregados nos ombros daquelas pessoas até os batelões, “barcos usados na época para transporte fluvial”.³

Esse espaço público marcou uma época importante para as famílias que

aqui chegavam, oriundas do nordeste brasileiro, principalmente cearenses e paraibanos, portugueses e sírios que empreenderam essa aventura em busca de uma vida mais digna para a sobrevivência de suas famílias que na realidade contribuíram com suas presenças para o processo de ocupação dessa área geográfica, ratificando o espaço brasileiro. A Praça da Bandeira sendo um dos primeiros espaços cívicos e culturais em Boa Vista, torna-se imprescindível discutir e relatar sobre suas atividades culturais, que foram construídas e estabeleceram relações de amizade e interação política em seus ideais, sonhos e realidades.

Nesta perspectiva, busca-se fazer uma reconstrução identitária, partindo da história de vida das várias identidades, dos habitantes da localidade investigada. A identidade por sua vez é formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais os indivíduos são interpretados no sistema cultural em que estão inseridos, pois é definida historicamente, onde o sujeito internaliza identidades diferentes em diferentes momentos; mediante o processo da construção da história da praça torna-se parte da cultura nacional, pois as identidades presentes possuem ramificações de outros espaços brasileiros e imigrantes. Portanto concebem-se as culturas nacionais constituintes como uma das principais fontes de identidade cultural (HALL, 2003).

A identidade cultural da Praça da Bandeira, no processo de sua construção, sofreu alterações radicais que chegaram a descaracterizá-la enquanto marco das memórias de um povo aguerrido, que adicionava conhecimentos através da arte, da música e da oratória em seus discursos sobre suas conquistas como desbravadores do norte brasileiro.

Na década de 1970, ela foi remodelada após o 33º aniversário do antigo Território Federal de Roraima, quando era governador na época o Coronel Fernando Ramos Pereira e o prefeito, roraimense Júlio Augusto Martins: retiraram os monumentos históricos criando assim uma nova estrutura, sem consultar a população, objetivando apenas o saber dos seus anseios.

Em 1989 Barac Bento, prefeito eleito, faz novas mudanças na Praça, tentando resgatar algumas atividades relacionadas à cultura roraimense, tornando-a um espaço de lazer propriamente dito. Com a mudança política na prefeitura, na gestão da prefeita Tereza Jucá, a Praça torna-se um ambiente voltado para as atividades esportivas, como jogos para a juventude local. Diante disso, busca-se através da memória dos populares mais antigos, a valorização dos fatos históricos numa perspectiva de tornar a Praça um centro histórico para atender a comunidade e aqueles que desejam conhecer a história de um povo que tem em suas raízes as marcas de um país continental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta investigação torna-se contundente para se pensar numa possível revitalização do espaço “Praça da Bandeira” e seus personagens, tomando como base a história oral dos sujeitos envolvidos; esta abordagem torna-se necessária para que a sociedade roraimense tome conhecimento da importância dos espaços construídos e das relações sócio-históricas que são construídas.

Este estudo consolidará não só um resgate da história da Praça, mas também o despertar de outros acadêmicos sobre um novo “olhar”, um olhar mais holístico sobre os espaços públicos na conexão com os personagens que ainda vivem e que fazem parte da identidade cultural e nacional de um país.

Estudar sobre as memórias da praça nos permitiu acreditar que os patrimônios públicos, quando valorizados, possuem grande potencial de riqueza a serviço de toda sociedade. Então é preciso tornar esses espaços sempre vivos, não nas memórias dos mais velhos, mas nas literaturas e monumentos para que sejam repassadas para as gerações futuras.

REFERÊNCIAS

BARROS, Nilson C. Crocia. **Roraima Paisagens e Tempo na Amazônia Setentrional**. Recife: Universitária – UFPE, 1995.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisas em Ciências Humanas e Sociais**. 6.ed. São Paulo: Cortez, 2003.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina, coordenadoras. **Usos e Abusos da História Oral**. 2.ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

MAGALHÃES, Dorval de. **Roraima Informações Históricas**. 4.ed. Rio de Janeiro: Projefilm, 1997.

SANTOS, Adair J. **História da livre iniciativa no desenvolvimento socioeconômico do estado de Roraima**. Boa Vista: FECOMÉRCIO RR, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. 8.ed. – Rio de Janeiro: 2003.

Notas

1. BRASIL, Cecília – entrevista concedida em 18/10/2005.
2. Lucia Bezerra de Menezes, Neudo Ribeiro Campos, entrevistas concedidas em 28/09/2005.
Onésia Coelho Barbosa entrevista concedida em 27/09/2005
Tércia Eloan entrevista concedida-13/10/2005
Damásio Douglas Nogueira entrevista concedida - 16/11/2005
Galvão Soares entrevista concedida - 03/10/2005
José Roberto da Silva e Luis Pereira da Silva entrevistas concedidas -23/09/2005
Meire Saraiva Lima entrevista concedida – 09/09/2005
Maria Luiza Vieira Campos - 22/09/2005
Antonio Carlos Vieira entrevista concedida-04/10/2005
3. Barac da Silva Bento entrevista concedida -16/09/2005